



Juçá Fialho

Estudos em homenagem

Vazzata Dias

Educação, Letras, Ciências Contábeis, Administração, Direito,
História, Engenharia, Tecnologia, Saúde e Filosofia



GEOVANI BROERING E RENATO RODRIGUES
(Coordenação Geral)



editora
papervest



Publicação da Papervest Editora
Av. Marechal Floriano, 947 - CEP: 88503-190
Fone: (49) 3225-4114 - Lages / SC
www.unifacvest.edu.br



centro universitário
unifacvest

Mantenedora: Sociedade de Educação Nossa Senhora Auxiliadora

Editores - Renato Rodrigues (Presidente) e Arceloni Neusa Volpato

Conselho Editorial e Científico
Doutores

Alceu Pinto da Luz (Brasil)
Alejandro Villalobos Clavería (Chile)
Alexandre Teixeira (Uruguay)
Andreia de Bem Machado (Brasil)
Camilla Volpato Broering (Brasil)
Doris Dukova (Colombia)
Eduard Marquardt (Brasil)
Fabio Eduardo Grunenwald Soares (Brasil)
Gustavo Capobianco Volaco (Brasil)
José Endoença Martins (Brasil)
José Ricardo Mariano (Brasil)
Juan Martin Ceballos Almeraya (México)
Juscelino Francisco do Nascimento (Brasil)
Leonardo Rabelo de Matos Silva (Brasil)
Lourival Andrade Junior (Brasil)
Luis Miguel Cardoso (Portugal)
Ramon Hernandez de Jesus (Venezuela)
Rita Borges (Brasil)
Soeli Staub Zembruski (Brasil)

Reitor: Geovani Broering
Pró-Reitora Administrativa: Soraya Lemos Erpen Broering
Editoração Eletrônica: Gráfica Princesa
Revisão Final: Renato Rodrigues

Ficha Catalográfica

Rodrigues, Renato (Org.).
Estudos em homenagem a Juçá Fialho Vazzata Dias / Renato Rodrigues. Lages: PAPERVEST, 2022, 689p.
ISBN: 978-65-00-40753-2
1. Educação. 2. Letras. 3. Ciências Contábeis. 4. Administração. 5. Direito. 6. História. 7. Engenharia. 8.
Tecnologia. 9. Saúde. 10. Filosofia.

Papervest Editora
Centro Universitário FACVEST-UNIFACVEST
Av. Marechal Floriano, 947, Lages – Santa Catarina – CEP 88503-190
unifacvest.edu.br



Coordenação Geral

Geovani Broering
Renato Rodrigues

Educação, Letras, Ciências Contábeis, Administração, Direito, História, Engenharia, Tecnologia,
Saúde e Filosofia
Estudos em homenagem a Juçá Fialho Vazzata Dias

Autores

Adilsom de Oliveira Branco
Alan Idzak de Souza Prestes
Alan Immich
Amanda Miranda Silva
Amanda Oliveira de Lima
Ana Angélica Wilske
Ana Beatriz de Campos Kramel
Ana Flávia Costa Eccard
Andréia Valéria de Souza Miranda
Angélica Markus Nicoletti
Anne Cris Albuquerque
Ariana Miranda Quintanilha
Carla Warmling
Claudia Waltrick Machado Barbosa
Daniela Padilha Tillmann Alves
Daniela Rosa de Oliveira
Debora Weber Rodrigues
Dhiulia Carolina Morais Antunes
Dhiuliane Morgan
Dilmar Ribeiro Pereira
Edi da Silva
Éfany Diély Zanin Zanandréa
Elane Cristina da Silva Fernandes
Elen Munique Kluge
Eliane Conrado
Ellen Waltrick Ribeiro
Fabiana Medeiros Branco
Flavia Muriel Mendes Ramos
Moro
Francisco José Fornari Sousa
Gabriele de Oliveira Silva
Geovani Broering
Gilberto Tadeu da Silva Ribeiro
Graziela de Sousa Pereira
Gustavo Capobianco Volaco
Higor da Silva Rodrigues
Iara Cordeiro Policarpo

Irineu Jorge Sartor
Isabela Ogliari
Janaina Ferreira
Jaqueline Conceição da Costa
Joana Virginia Zanin Rodrigues
João Gualberto Gonçalves e Silva
José Roberto Paludo
Julia Borin Fioravante
Lais Mariane Matos
Lara Kathelen Rocha Santos
Luana Berndsen Peccin
Magali Maria Tagliari Graf
Mara Darcanchy
Mara Marcon
Marcelle Andrade dos Passos
Marcia Martello da Silva
Marcia Rodrigues de Souza
Maria Iolanda
Michaela Lopes Velho
Nádia Webber Dimer
Natalina Santos da Silva
Nayara Alano Moraes
Neide Rodrigues da Silva
Patricia Citadin Dutra
Priscila Luciene Santos de Lima
Rafael Rodrigues Schmitt
Rejane Dutra Bergamaschi
Renato Rodrigues
Ricardo Cordova Conte
Rosângela Aparecida Oliveira
Cordova
Sílvia Campos
Tania Das Graças Madruga Canani
Tatiana Santos Saraiva
Tayla Pereira Lopes
Valeriza Noronha da Silva
Vivian Regina Dematé Pereira



Reitor

Geovani Broering

Pró-reitora Administrativa

Soraya Lemos Erpen Broering

Pró-reitor de Pesquisa e Extensão

Renato Rodrigues

Pró-reitor Acadêmico

Ricardo Leone Martins

NEAD – Núcleo de Produção EAD Unifacvest

Felipe Boeck Fert



PREFÁCIO

Para Juçá, com amor!

A gargalhada de Juçá ecoava vibrante, era contagiante, as primeiras vezes que ouvi foram nos corredores da UFSC, tempo de mestrado, doutorado, os olhos sempre brilhantes, cheios de vida. Juçá estava sempre pronta, para tudo. Juçá tinha vida, tinha sonhos, tinha planos. Projetos reverberantes. Casou com Antônio, tiveram Pedro Antônio, e o Pingo veio fazer parte da família, um fox paulestinha. O universo familiar era o seu chão, a sua estrutura, falava sempre de cada um deles com muito amor, muito calor. Ah se o nome de Antônio gastasse ... e atuava no ensino superior em duas instituições em Floripa.

Tudo parecia completo, mas parte do plano era atuar em um Mestrado em Letras. Quando surgiu a oportunidade, agarrou com unhas e dentes, e vir para Lages tornou-se uma paixão. Encantou-se com o projeto que desenvolvemos aqui. E no curto espaço de tempo que Juçá circulou entre nós, em nossos corredores aqui na Unifacvest, nos cafés regados a boas conversas na praça de alimentação, nas ideias e reflexões desenvolvidas com os alunos em sala de aula, e nas orientações e interações que teve com Mariana, Denize e Betto, para o desenvolvimento de seus produtos, inconclusas, não deu tempo de colocar um ponto final, de participar das bancas, de finalizar os processos!

Mas as contribuições e delineamentos estavam ali, a marca era sentida, e a experiência construída, cada um de nós, que conviveu com Juçá neste período lageano, no PPGLPT, tem uma memória, uma lembrança, uma nostalgia.

Para a sociolinguística? Uma perda, sem dúvida uma lacuna. Juçá agregou contribuições robustas ao projeto VarSul, muito do que se tem de conhecimento construído para os falares catarinenses são de autoria da pesquisadora Juçá Fialho Vazzata Dias.

E, em tempo, a erva do chimarrão era adquirida sempre em Lages!

Vai em paz amiga, cumpristes altaneiramente tua missão, vida breve, todavia, o que aprendemos contigo é intenso, é longo, é denso! Para a vida e para a ciência!

Arceloni Neusa Volpato

Coordenadora do Mestrado Profissional em Práticas
Transculturais - UNIFACVEST



SUMÁRIO

SOCIOLINGUÍSTICA: VIDA E ESTUDO DE JUÇÁ DIAS Anne Cris Albuquerque RECURSOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA Neide Rodrigues da Silva	01
MÚSICA RELIGIOSA EM UM NOVO JEITO DE FESTEJAR: BALADA SANTA Neide Rodrigues da Silva	07
A IMPORTÂNCIA DO RECEBER O ESTUDANTE PÓS PANDEMIA Gilberto Tadeu da Silva Ribeiro	16
A INTERDISCIPLINARIDADE DA NEUROPSICOLOGIA: UMA VOCAÇÃO Rafael Rodrigues Schmitt	23
A EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESENVOLVIMENTO MOTOR NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES Daniela Padilha Tillmann Alves; Francisco José Fornari Sousa	31
SUSTENTABILIDADE E A MÍDIA: COMO SÃO ABORDADAS QUESTÕES DE INTERIORES SUSTENTÁVEIS EM SÉRIES DE CANAIS DE TELEVISÃO Tatiana Santos Saraiva	48
ARTETERAPIA: CONCEITO E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA Natalina Santos da Silva	57



A INFLUÊNCIA DO DISCURSO PUBLICITÁRIO DE CONSUMO, ENQUANTO IDEAL DE FELICIDADE NA SUBJETIVIDADE PÓS-MODERNA Lais Mariane Matos; Gustavo Capobianco Volaco	76
SOCIOLINGUÍSTICA: Vida e estudo de Juçá Dias Anne Cris Albuquerque	92
OS DESAFIOS ENFRENTADOS NA PANDEMIA NO ENSINO SUPERIOR: ADAPTAÇÃO ÀS NOVAS TECNOLOGIAS Elane Cristina da Silva Fernandes; Ariana Miranda Quintanilha; Rosângela Aparecida Oliveira Cordova	103
SER OU ESTAR PROFESSOR? PERCEPÇÕES DE PAIS E RESPONSÁVEIS QUE VIVENCIARAM A EDUCAÇÃO REMOTA Janaina Ferreira	114
REFLEXÕES DE RELATOS EDUCACIONAIS EM ÉPOCA DE PANDEMIA Flavia Muriel Mendes Ramos Moro	123
PRINCIPAIS FONTES DE RECURSOS DOS MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA PREVISTOS PELA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 Adilsom de Oliveira Branco	130
O RETORNO PRESENCIAL DO PROFESSOR EM TEMPOS DE PANDEMIA Maria Iolanda	138
PROCESSOS EDUCACIONAIS DE DIREITO NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO Renato Rodrigues; Geovani Broering; Edi da Silva	147



ATUAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DIANTE DO PROCESSO DE MORRER COM PACIENTES HOSPITALIZADOS EM UMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO ONCOLÓGICA Amanda Oliveira de Lima; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé Pereira	178
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM DURANTE A CONSULTA DE PUERICULTURA PARA DETECÇÃO DE DEFORMIDADES CRANIANAS Debora Weber Rodrigues; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé Pereira	191
O PROCESSO DE CUIDAR DO PACIENTE ONCOLÓGICO Dhiulia Carolina Morais Antunes; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé Pereira	202
OLHARES NO MUNDO Silvia Campos	216
PREVENÇÃO E ÊNFASE A DOENÇA DE ALZHEIMER: OLHAR DO CUIDADOR Ellen Waltrick Ribeiro; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Pereira Dematé	222
PRÁTICAS DE CUIDADO DO ENFERMEIRO ÀS CRIANÇAS COM AUTISMO: UMA REVISÃO DA LITERATURA Gabriele de Oliveira Silva; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé Pereira	236



ASPECTOS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO NO INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO Higor da Silva Rodrigues; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé	252
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA TROMBOFILIA GESTACIONAL ADQUIRIDA E HEREDITÁRIA: UM RELATO DE CASO Jaqueline Conceição da Costa; Daniela Rosa Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé Pereira	266
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO SERVIÇO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES (SAICA) Marcelle Andrade dos Passos; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé Pereira	279
O PAPEL DO ENFERMEIRO DIANTE DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO Marcia Martello da Silva; Magali Maria Tagliari Graf; Patricia Citadin Dutra; Ricardo Cordova Conte	290
A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE HEMOFÍLICO Valeriza Noronha da Silva; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes; Vivian Regina Dematé Pereira	300
SAÚDE DOS DOCENTE CATARINENSES NA PANDEMIA José Roberto Paludo	312
BIOMASSA DE BANANA VERDE COMO INGREDIENTE SAUDÁVEL: UMA REVISÃO Eliane Conrado; Nadia Webber Dimer; Julia Borin Fioravante; Angélica Markus Nicoletti	329



PARÂMETROS NUTRICIONAIS DA ANEMIA FERROPATIVA – UMA REVISÃO Michaela Lopes Velho; Nadia Webber Dimer; Julia Borin Fioravante; Angélica Markus Nicoletti	347
ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA CARDIORRESPIRATÓRIA ATRAVÉS DA VENTILAÇÃO MECÂNICA NO TRATAMENTO DA COVID-19 NA UTI Isabela Ogliari; Irineu Jorge Sartor	365
BRASÍLIA: A CAPITAL DO MODERNISMO INTERNACIONAL, ENTRETANTO, UMA CIDADE POLÊMICA Tatiana Santos Saraiva	376
EFEITO DO TREINAMENTO DE FORÇA E RESISTÊNCIA MUSCULAR NO DESEMPENHO FUNCIONAL E NA QUALIDADE DE VIDA EM INDIVÍDUOS COM OSTEOARTRITE DE JOELHO Ana Beatriz de Campos Kramel; Irineu Jorge Sartor	383
AVALIAÇÃO DO ESTILO DE VIDA EM PORTADORES DE DIABETES MELLITUS DO TIPO 2 NO MUNICÍPIO DE PONTE ALTA DO NORTE-SC Elen Munique Kluge; Nádia Webber Dimer; Angélica Markus Nicoletti; Julia Borin Fioravante	397
FEMINICÍDIO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA Lara Kathelen Rocha Santos; Ana Flávia Costa Eccard	413
IMPACTO DO TRABALHO EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL EM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS) Dilmar Ribeiro Pereira; Claudia Waltrick Machado Barbosa; Rejane Dutra Bergamaschi	435



INFLUÊNCIA DA POSIÇÃO PRONA, SUPINA E LATERAL NA MECÂNICA PULMONAR DE PACIENTES ADULTOS HOSPITALIZADOS: REVISÃO DE LITERATURA Joana Virginia Zanin Rodrigues; Irineu Jorge Sartor	448
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A AVALIAÇÃO NO PROCESSO EDUCACIONAL Tayla Pereira Lopes; Francisco José Fornari Sousa	463
SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: IMPLANTAÇÃO DE INSTRUMENTO NO CONTROLE DAS INFECÇÕES DE SÍTIO CIRÚRGICO EM PARTO CESÁREA NUM HOSPITAL DE SANTA CATARINA Marcia Rodrigues de Souza; Andréia Valéria de Souza Miranda; Daniela Rosa de Oliveira; Nayara Alano Moraes	480
IMPACTO DA DESNUTRIÇÃO EM IDOSOS Mara Marcon; Nádia Webber Dimer; Angelica Markus Nicoletti; Julia Borin Fioravante	496
O PRAZER PELA DOR E A SOLIDÃO DE MOLLY EM ULYSSES, DE JAMES JOYCE Ana Angélica Wilske; Gustavo Capobianco Volaco	513
MOBILIZAÇÃO PRECOCE EM PACIENTES ADULTOS SOB SUPORTE VENTILATÓRIO: REVISÃO DE LITERATURA Alan Immich; Irineu Jorge Sartor	528
A IMPORTÂNCIA DA MENSURAÇÃO DOS CUSTOS PARA O GERENCIAMENTO DE UM NEGÓCIO RURAL Dhiuliane Morgan; Amanda Miranda Silva	544



O USO DO NARGUILÉ NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO DE LITERATURA Alan Idzak de Souza Prestes; Daniela Rosa de Oliveira; Fabiana Medeiros Branco; Nayara Alano Moraes	564
O BRINQUEDO E OS RECURSOS TECNOLÓGICOS: IMPORTANTES AUXILIADORES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA Luana Berndsen Peccin	577
O PAPEL DO NUTRICIONISTA FRENTE À VIGOREXIA Tania Das Graças Madruga Canani; Nádia Webber Dimer; Angélica Markus Nicoletti; Julia Borin Fioravante	593
OS BENEFÍCIOS DO MÉTODO PILATES COMO FERRAMENTA FISIOTERAPÊUTICA PARA IDOSOS. Carla Warmling; Irineu Jorge Sartor	606
A CORRUPÇÃO E A GOVERNANÇA CORPORATIVA NO BRASIL João Gualberto Gonçalves e Silva; Mara Darcanchy; Priscila Luciene Santos de Lima	617
PARALISIA CEREBRAL: IMPLICAÇÕES CLÍNICAS E O PAPEL DO FISIOTERAPEUTA FRENTE À REABILITAÇÃO DA CRIANÇA Éfany Diély Zanin Zanandréa; Irineu Jorge Sartor	635
PATERNALISMO JURÍDICO E A INTERFERÊNCIA NA AUTONOMIA DOS INDIVÍDUOS Rosângela Aparecida Oliveira Cordova; Ariana Miranda Quintanilha; Elane Cristina da Silva Fernandes	649
A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DE CUSTOS NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES Graziela de Sousa Pereira; Amanda Miranda Silva	659

**FATOR R NO SIMPLES NACIONAL: A IMPORTÂNCIA DO FATOR R NAS EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇO**

Iara Cordeiro Policarpo; Amanda Miranda Silva 671

**RECURSOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**Neide Rodrigues da Silva¹**RESUMO**

Este artigo irá abordar Recursos na Educação a Distância. Essa modalidade EAD encontra-se em expansão no Brasil e apresenta em seu contexto a ideia de flexibilidade na forma de estudar. O público que busca essa modalidade, em grande parte são compostos por adultos trabalhadores, sem condições de frequentar cursos presenciais.

Palavras-chave: Educação a Distância, Recursos, modalidade.

ABSTRACT

This article will cover Resources in Distance Education. This distance learning modality is expanding in Brazil and presents in its context the idea of flexibility in the way of studying. The public seeking this modality are largely composed of working adults, unable to attend classroom courses.

Keywords: Distance Education, Resources, modality.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo conhecer a modalidade da Educação a Distância que prevê a construção da autonomia do aluno no processo de ensino e de aprendizagem. Optar por estudar é dar um importante passo na carreira profissional e também no desenvolvimento pessoal do aluno. Constrói conhecimento, conhece novas teorias e desenvolverá habilidades necessárias para o mercado de trabalho. A partir da escolha do curso que irá estudar também conseguirá aplicar esses conhecimentos na prática, ou seja, unindo conhecimento teórico a prática do dia a dia tornando-se conhecedor eficaz nas atividades que desenvolverá.

¹Neide Rodrigues da Silva, graduada em Administração com habilitação em Gestão de Negócios pela UNIFACVEST em 2005, Pós graduada em MBA em Gestão Pública pela UNIASSELVI, Mestra em Práticas Transculturais pela UNIFACVEST.



SAÚDE DOS DOCENTE CATARINENSES NA PANDEMIA

José Roberto Paludo

RESUMO

Este ensaio, cuja abordagem de fundo será a situação da saúde dos docentes, especialmente da rede pública estadual de Santa Catarina durante a pandemia, será dividido em três partes. Inicialmente gostaria de compartilhar um singelo registro sobre a querida colega Juçá Fialho, homenageada nesta obra, seguido da reprodução de seis artigos de opinião publicados em jornal e redes sociais, selecionados aqui para introduzir o tema da pandemia, e, por fim, pretende-se apresentar alguns resultados de pesquisas empíricas sobre o tema, coordenadas pelo autor e fundamentadas com base em algumas referências atuais relacionadas na literatura sobre o tema.

Palavras chave: pandemia da Covid-19; saúde docente; pesquisa de campo

ABSTRACT

This essay, whose background approach will be the health situation of teachers, especially in the state public network of Santa Catarina during the pandemic, will be divided into three parts. Initially, I would like to share a simple record about my dear colleague Juçá Fialho, honored in this work, followed by the reproduction of six opinion articles published in newspapers and social networks, selected here to introduce the topic of the pandemic, and, finally, it is intended to present some results of empirical research on the subject, coordinated by the author and based on some current references related to the literature on the subject.

Keywords: Covid-19 pandemic; teaching health; field research.

Vai ficar sempre a saudade

Conheci a professora Juçá Fialho Vazzata Dias pouco antes de nos tornarmos colegas de trabalho no mestrado de Práticas Transculturais da Unifacvest onde iniciamos juntos nossa atuação no ano de 2019 e passamos a trocar muitas ideias, experiências e opiniões políticas.



Os primeiros meses do ano seguinte foram particularmente tristes, inicialmente com a perda do nosso coordenador do mestrado, professor Marco Antônio: “Também estou muito consternada com o falecimento do Marco... Me dava bem com ele. Vai fazer falta como colega e como coordenador...” Escreveu-me a professora Juçá, via Whatsapp, no dia 23 de janeiro de 2020 às 22h27min.

Depois, com a saída do jovem colega professor Ricardo que se mudou para a China, no mesmo período que começavam as notícias de um novo vírus descoberto naquele país: “Li que a China fechou as fronteiras. Vírus está saindo do controle... Sabes do Ricardo?” Escreveu-me a professora Juçá no Whatsapp, no dia 26 de janeiro de 2020, às 16h.

Seguíamos conversando assuntos acadêmicos até o dia 22 de março de 2020 quando enviei um *emotions* com uma máscara, recomendando para que ela se cuidasse. No dia 05 de abril, ela me escreveu novamente expondo sua preocupação em relação às medidas sanitárias, com seu problema de saúde (fibromialgia), e manifestando seu medo e a dificuldade de comparecer presencialmente na instituição. Até que no dia 21 de abril, às 15h42min ela me enviou a seguinte mensagem: “Piorando, amigo... A infecção atingiu o lado esquerdo da boca também. Só o ouvido direito dói. Menos mal. Amanhã, os exames serão entregues ao dentista. Então, ele vai avaliar melhor...” No dia 28 de abril, eu enviei minhas felicitações pelo seu aniversário de 54 anos. Ela agradeceu-me e noticiou que havia colocado o primeiro dos três aparelhos que deveria usar, ou seja, até então tratava-se apenas de um problema dentário agravado por uma infecção. Mas em 12 de maio, às 13h46min, mandei uma mensagem apavorado para ela dizendo: “Oi, Juçá. Vc está bem? Arceloni colocou uma mensagem no grupo. Manda notícias, por favor”, mas ela não me respondeu. Seu esposo Antonio foi quem retornou com uma mensagem de áudio relatando a situação de agravamento da saúde da professora Juçá. Eu quis saber o hospital que se encontrava, mas já não era possível visitá-la também em função do agravamento da pandemia e foram sete longos dias, recebendo praticamente um boletim diário da situação de saúde da nossa colega que se agravava a cada dia, até que, no dia 19 de maio, às 09h50min recebi a última mensagem: “Nossa amiga e amada partiu”.

Foi uma despedida sem despedidas, em pleno horror do início da pandemia do coronavírus, marcado por muita dor, muito medo e pela aceleração das mudanças estruturais da sociedade que já estavam em curso nas últimas duas décadas. Por isso, sou grato pela oportunidade de prestar essa homenagem e através dela abordar dois assuntos correlacionados com esses últimos momentos da vida da professora Juçá: a saúde dos docentes na pandemia.





Excertos sobre a pandemia

Diante da pandemia “mude seu mindset”¹

Tenho escutado e lido muitas vezes essa afirmativa nos últimos anos que parece não ter sido em vão e julgo apropriada neste momento.

O filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman também é muito lembrado pelo seu conceito de modernidade líquida, que explica a normalidade do mundo que vivemos atualmente, pela fluidez, pela velocidade dos acontecimentos e a perda de significação com a mesma rapidez, pois tudo é efêmero.

Acho que essa ideia deveria considerar um dos grandes pensadores da Escola do Annales, o francês Fernand Braudel, seguido de um dos teóricos do pós-neoliberalismo, Immanuel Wallerstein, segundo o qual “tudo muda, nada muda”. Tudo muda no curto prazo, mas as mudanças estruturais são muito lentas e dá a impressão de que nada muda. Bauman está analisando uma possível mudança de comportamento social de longo prazo que se consolidou com a globalização e quando nos referimos a mudança de *mindset* estamos tratando de mudança na maneira de pensar de cada indivíduo, “alterar a maneira de pensar”, mudar as perguntas que fizemos a nós mesmos, pois todos somos filósofos das nossas próprias vidas.

Não é todo dia que ocorre uma pandemia, vejamos:

O primeiro registro que se tem na história foram as dez pragas do Egito, que ocorreram durante o reinado do faraó Ramsés II, entre 1.270 a.C. e 1.213 a.C. Os relatos bíblicos estão no livro do Êxodo e foram atribuídos como castigo divino contra o faraó que buscava impedir a libertação do povo hebreu rumo à Canaã.

Depois disso, ocorreu a praga de Justianiano I (527-565), causada pela peste bubônica e que afetou a região do mediterrâneo com maior incidência no Império Bizantino entre os anos de 541 e 544.

Mais tarde, a chamada “peste negra” ocorreu na Eurásia (Europa e Ásia) de forma mais intensa no período de 1.346 e 1.353, quando dizimou um terço da população, e ainda que os números sejam um tanto díspares, os relatos atribuem entre 75 a 200 milhões de pessoas nos dois continentes.

Mas essa mesma peste, causada pela bactéria *Yersinia Pestis*, transmitida por ratos, voltou a afetar a Inglaterra no período de 1665/1666, chamada

¹Publicado no meu perfil pessoal do facebook <https://www.facebook.com/joseroberto.paludo/>, no dia 30 de março de 2020.



de Grande Praga de Londres e relatada por Daniel Defoe (1659-1731) no livro *A Journal of the Plague Year* (foi o primeiro livro que eu li em espanhol quando cheguei em Madrid, em 2006: “Diario del año de la peste”).

Finalmente, a última pandemia registrada historicamente foi a “gripe espanhola” nos anos de 1918 e 1919, que teve origem nos EUA e foi transmitida pelos soldados durante a I Guerra Mundial, infectando aproximadamente 500 milhões de pessoas, um quarto da população mundial da época e matou entre 17 a 50 milhões, sendo que no Brasil foram 35 mil vítimas, dentre elas o Presidente da República Rodrigues Alves, recém reeleito em 1918, que adoeceu e morreu em janeiro de 1919 sem conseguir tomar posse para o seu segundo mandato.

Portanto, não se trata de uma “gripezinha”, e sim de um fenômeno mundial que não diferencia fronteira geopolítica, idade, nível de renda ou ideologia. Diante da pandemia somos todos iguais, frágeis e expostos aos mesmos riscos.

Então, que tipo de mudança de *mindset* está se falando?

Ao invés de estar se lamentando que essa pandemia está atrapalhando seus planos para 2020 e que vai quebrar a economia, e ficar esperando quando as autoridades vão revogar a quarentena e, assim por diante, proponho que pensemos que “se estamos vivendo neste momento histórico, que não acontece todo ano, não é por acaso”.

Quando isso tudo passar, eu quero estar vivo para contar para as futuras gerações como foi superar essa grande crise e comparar com as anteriores para analisar se a humanidade evoluiu ou “nada mudou”.

Eu quero estar vivo e sair dessa pandemia mais fortalecido para defender que não se trata de cada um por si, pois a solidariedade é um valor fundamental e o Estado precisa ser forte para proteger a todos, com um sistema de saúde estruturado, que funcione e esteja preparado não apenas para outras pandemias (que não vão ocorrer todos os dias), mas para o dia a dia, já que é sabido que as pessoas vivem o drama de doenças crônicas todos os dias na condição de paciente ou na condição de profissionais da saúde, ambos em clima de guerra permanente.

Eu quero estar vivo e mais consciente da importância do diálogo entre as pessoas, do cuidado com o outro, da empatia, do valor de uma professora da educação infantil que cuida e educa duas dezenas de crianças iguais ao seu filho e que lhe foi tirado o direito de se aposentar depois de trabalhar um quarto de século nessa condição.

Enfim, você pode continuar a lista de reflexões sobre o que você gostaria de testemunhar e valorizar depois dessa pandemia que pode demorar ainda





algum tempo, mas o que é um mês ou um ano diante de um período histórico de longa duração?

Vamos nos cuidar e resistir bravamente para contar essa história, para mudar algumas coisas dentro de nós e na relação com as pessoas e nunca desistir de lutar sempre para mudar o sistema mundo.

Como será o novo normal?²

Não há resposta pronta para essa indagação enigmática e futuroológica, ao contrário, aponta-se como cenário a teoria sobre o perfil de liderança, que começou a ser difundida no final dos anos de 1980, apresentados pela sigla VUCA, que traduz o acrônimo em inglês dos conceitos: Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade.

Warren Bennis e Burt Nanus são considerados os autores dessa teoria que passou a ser observada na área militar, depois no meio corporativo e atualmente faz muito sentido sobre como será o novo normal pós pandemia.

Tais ideias dialogam com pensamentos filosóficos do mesmo período, teorizados por Frijof Capra (1982), Edgar Morin (1990), Zygmunt Bauman (1999), dentre outros. O diferencial de Bennis e Nanus (1987) foi a aplicabilidade no campo militar e dos negócios, que atualmente é apontado como uma necessidade genérica de compreender e analisar a realidade, o equivalente às análises de conjuntura no pós-guerra ou análise Swot dos anos 1970. Como lidar com esse novo normal sem a estabilidade, as certezas, a simplificação e as verdades que a modernidade nos proporcionou ao longo de séculos?

Proteger pessoas e valorizar a educação³

No último dia 21 de novembro de 2020, várias entidades nacionais ligadas à educação lançaram um manifesto intitulado Ocupar as Escolas: proteger pessoas e valorizar a educação, o que nos traz uma boa reflexão.

Há muitas pessoas resistentes sobre o retorno das aulas presenciais neste momento de pandemia, dentre as quais eu me incluo, porém, ao mesmo tempo, assino embaixo deste manifesto.

O manifesto parte do argumento de que as crianças são em sua maioria assintomáticas e representam menor risco de contaminação comunitária

²Artigo publicado no Jornal Top, dia 10 de julho de 2020.

³Artigo publicado no Jornal Top, dia 27 de novembro de 2020.



em relação à média da população, o que não significa ausência de risco. Por isso, segue abaixo um conjunto de ações importantes para tornar essa “ocupação” possível.

Em primeiro lugar, nem todos podem continuar as aulas presenciais ao mesmo tempo, ou seja, é necessário estabelecer critérios de prioridade e dar a oportunidade inicialmente para os que mais precisam: quem não tem acesso à Internet, filhos de trabalhadores que não têm com quem deixá-los, crianças com deficiências e assim por diante.

Em segundo lugar, é necessário reestruturar as escolas para atender essas crianças com segurança, fazer investimentos em infraestrutura de higiene, mudar o formato das salas de aula insalubres, transporte seguro, alimentação saudável e monitoramento com testagem da Covid para não perder o controle sanitário.

Um terceiro ponto fundamental é a relação de cuidado entre as pessoas naquele espaço presencial, pois o convívio escolar nem sempre é um espaço que gera saúde física ou mental, muitas vezes é o contrário e, desse modo, há que se assumir o compromisso de um relacionamento de respeito, diálogo, democracia e paz nas escolas, para que a situação não interfira na segurança necessária. Por fim, há um desafio pedagógico mais complexo, ou seja, haverá crianças, adolescentes ou jovens no mesmo nível escolar em situação presencial e remoto e uma mudança radical em um conjunto de fatores que interferem na ação pedagógica. Assim, será necessário readequar os conteúdos, as metodologias, as formas de avaliação e os resultados esperados.

Vamos fazer um diálogo sério e responsável sobre a continuidade das aulas presenciais nas escolas? Vamos nos preparar para o momento em que houver um mapa de baixo risco de contaminação para que esse tipo de proposta tenha viabilidade?

Então, façamos um diálogo respeitoso, sem decretos ou imposições judiciais. Vamos proteger as pessoas e valorizar a educação.

Em defesa da vacina⁴

O primeiro caso constatado da desconhecida Covid-19 (nova doença infecto-contagiosa da família do coronavírus, conhecido no mundo desde os anos 1960), foi descoberto na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, na China, em 1º de dezembro de 2019.

⁴Artigo publicado no Jornal O Imagem, dia 20 de janeiro de 2021, edição nº 1043.



No Brasil, o primeiro caso diagnosticado foi em 26 de fevereiro de 2020, em um homem de 61 anos que havia retornado de uma viagem recente da Itália.

Em 11 de março do mesmo ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu o novo coronavírus como uma pandemia e desde então o mundo inteiro está vivendo sob tensão e medo.

Considerando a rápida propagação do contágio e a dificuldade de gestão dos sistemas sanitários e hospitalares, foram se sucedendo ondas crescentes de mortes por todos os países do mundo, o que levou as autoridades sanitárias apelar por medidas coletivas de urgência como o isolamento social, chegando ao lockdown e práticas de hábitos individuais de proteção resumidos em três medidas: uso de máscaras, higienização das mãos com álcool em gel 70% e distanciamento social.

As ondas de contaminação tiveram altos e baixos enquanto esperava-se pela vacina, e os países com maior número de contágios e de mortes foram aqueles cujas autoridades politizaram o tema com enfoque negacionista, ou seja, minimizaram a doença, seus efeitos e desestimularam as medidas preventivas, como destaque para o Brasil e os Estados Unidos.

Enquanto o mundo inteiro, neste caso o próprio Estados Unidos, tratava de concentrar esforços para viabilizar de forma imediata o uso da tão esperada vacina, no Brasil, as maiores autoridades fizeram o possível para retardar sua viabilidade até o último esperneio, que ocorreu no dia 17 de janeiro, quando a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) autorizou o uso emergencial de duas vacinas.

O momento foi tenso. Enquanto uns comemoravam a vacina como uma final de Copa do Mundo, outros ainda insistiam com *fake news* e teorias de conspiração, mas a defesa da vacina venceu aos ataques negacionistas e aos poucos pretendemos voltar à vida normal.

Que sentido têm as mortes por Covid?⁵

Quem passou pela experiência recente da perda de um familiar ou pessoa querida em virtude da Covid-19 deve ter se questionado sobre isso, ainda que este não seja um tema nada atual.

Os antigos buscaram explicações ou abordaram o tema através das artes, como por exemplo, a tragédia grega, em um dos seus clássicos que é a Antígona (Sófocles, 496-406 a.C) em que os irmãos Etéocles e Polinices morre-

⁵Artigo publicado no Jornal O Imagem, dia 29 de julho de 2021, edição nº 1071.

ram lutando entre si às portas de Tebas. Um defendia o rei e outro, o contrário, enquanto suas irmãs Antígona e Creonte debatiam sobre o risco de enterrar com dignidade o corpo do segundo irmão, que, por ordens do rei, não deveria ter a dignidade de funeral, ao contrário do primeiro. Guardadas as proporções, tragédias semelhantes não são totalmente estranhas nos dias atuais.

Outro tipo de morte bem diferente é quando ocorre nas guerras, onde se morre ou se mata por uma causa, defendendo uma bandeira ou uma nação. Ainda que não exista morte confortante, mas as pessoas que morrem no campo de batalha são veneradas.

As mortes por causas naturais, por doença ou por acidentes geralmente são mediadas por crenças religiosas; mesmo sem ter uma explicação, busca-se confortar o mistério acreditando que a pessoa já cumpriu o seu papel ou assim quis o destino.

Mas e as mortes na pandemia? Não são por uma causa natural, não é uma doença que tem seu histórico ou explicação, não se trata de uma guerra, mas de uma contaminação da qual a vítima não tem controle, não depende do indivíduo, mas decorre de um risco coletivo.

Se a ameaça é coletiva, o que caracteriza uma pandemia, a responsabilidade de fazer a gestão dos riscos e buscar minimizar seus efeitos é da principal instituição que existe com esse propósito: o Estado. O Estado é uma organização que se legitima por mediar a sociedade e dispõe de instrumentos para isso. No nosso caso temos um sistema unificado para alinhar ações especialmente na área de saúde, o SUS, através de vacinas, orientação, conscientização e até mesmo punições em situações mais extremas.

Mas o que ocorreu no Brasil? Em vez de uma atuação que buscasse minimizar os efeitos da pandemia, infelizmente, as principais autoridades públicas atuaram no sentido oposto, o que contribuiu para ampliar o número de vítimas, e não minimizá-las. Parece exagero, mas as consequências dessas ações e omissões provocaram um verdadeiro genocídio no sentido coletivo da sociedade e uma tragédia no sentido individual para cada um de nós que perdemos pessoas próximas e queridas, não pela guerra, não por doença, não por acidente ou outras causas naturais, mas por motivo torpe, que poderia ser evitado. E assim resta um sentimento de indignação, pois dentre as vidas que poderiam ser poupadas está seu ente querido.

Em defesa da vida⁶

Desde a virada do semestre letivo, em agosto, desencadeou-se uma campanha velada e uma pressão oculta pela volta às aulas presenciais, contra

as quais os sindicatos e outras entidades levantaram a palavra de ordem “Aulas se recuperam, vidas não!”.

Essa pressão pela volta às aulas presenciais parte de uma premissa falsa de que os professores estão sem trabalhar desde março. Na verdade, o que ocorre é o inverso, pois as aulas não foram suspensas e a inexperience em trabalhar à distância tem ampliado o desinteresse pelos estudos de parte dos estudantes e aumentado a carga de trabalho dos professores, como indica o levantamento recente do Sinte, segundo o qual 93,3% dos trabalhadores em educação afirmaram estar trabalhando mais tempo durante a pandemia e, em sua maioria, ampliado de duas a quatro horas diárias de trabalho.

Portanto, o retorno às aulas presenciais serve para escamotear dois problemas: por um lado, a incapacidade do sistema de ensino se reestruturar diante da crise sanitária, ou seja, volta ao que era antes e ninguém vai questionar a qualidade da educação; por outro lado, esconder o interesse econômico das escolas particulares e das empresas que precisam de força de trabalho e dos pais livres do cuidado dos filhos.

Acontece que essa decisão em vez de colaborar poderá agravar ainda mais a situação por diversos motivos: o elevado índice de professores acometidos de doenças crônicas (37,7%) e de usuários de medicamentos contínuos (50,3%) que precisarão ser afastados ou serão expostos ao risco de vida; voltar às aulas exige o retorno total do transporte coletivo, maior fator de disseminação do coronavírus nesta pandemia; a precariedade de infraestrutura das escolas, com salas lotadas que impedem o distanciamento necessário, sem ventilação adequada e sem condições sanitárias.

Assim, a volta às aulas presenciais pode significar um aumento de circulação do vírus que, além de expor as crianças e jovens, também os transformará em portadores do vírus para suas famílias, contaminando pessoas e matando as de grupo de risco. Portanto, aulas se recuperam, vidas não!

⁶Artigo publicado no Jornal O Imagem, dia 03 de novembro de 2021, edição nº 1085.

Saúde docente na pandemia: pesquisa sobre saúde dos docentes catarinenses (SINTE/SC, 2021)

O tema da saúde no trabalho não é uma novidade, pois numa sociedade estruturada sob a lógica da distribuição desigual das riquezas produzidas pelo trabalho, o adoecimento físico e mental dos trabalhadores(as) é uma consequência direta da exploração da força de trabalho, porém o que se altera em diferentes épocas são os mecanismos de espoliação.

Duas referências importantes vêm pautando discussões teóricas profícuas e podem servir de base teórica para pesquisas de campo, quais sejam: Neoliberalismo e a gestão do sofrimento psíquico (Safatle, Silva Jr. e Dunker, 2020); e A sociedade do cansaço (HAN, 2020).

Na era do trabalho flexível e precário, a gestão do sofrimento psíquico busca-se legitimar moralmente a internalização dos valores do capital, tornando os indivíduos autônomos “senhores de si” e únicos responsáveis pelo seu desempenho, desconectados de todos os fatores sociohistóricos e do contexto nos quais estão inseridos, levando-os à culpabilidade, à autopunição, à solidão, ao cansaço, à depressão e cada vez mais ao suicídio.

Em julho de 2020, o Sinte (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina) lançou a primeira pesquisa sobre saúde docente, e dada a importância de acompanhar essa realidade, a pesquisa foi repetida em outubro de 2021, quando buscou-se manter o padrão do ano anterior, com alguns ajustes de contexto, permitindo a comparação dos dados na sequência de ano, iniciando uma série histórica.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa distribuída de forma *online* e aleatória, através da divulgação do questionário por meio de redes sociais e envio de *e-mail* direcionado pelo banco de dados do sindicato.

A literatura sobre a metodologia de pesquisa através da Internet é relativamente recente e apesar dos avanços tecnológicos e do uso de ferramentas eletrônicas em pesquisas acadêmicas e de mercado, especialmente a partir de 1980 nos Estados Unidos, não há consenso sobre o uso dessas técnicas de pesquisa no meio acadêmico, o que requer atenção especial na sua operacionalização (Vehovar, Manfreda e Koren, 2012).

Considera-se que cada técnica de aplicação de questionários tem vantagens e desvantagens comparando com outros métodos. Dentre as vantagens pode-se citar: o baixo custo em relação aos demais métodos; a possibilidade de um alcance amplo que permite uma grande amostra a partir da facilidade de



acesso aos endereços eletrônicos; o conhecimento do conteúdo por parte dos entrevistados, ou seja, o direcionamento dos questionários para um público específico; a rapidez na entrega e a pontualidade que permitem acompanhar o retorno em tempo real e arquivar a data, hora e tempo das respostas; a comodidade dos entrevistados que podem escolher o melhor momento para responder, sem inconvenientes de outros métodos como telefone ou entrevista face-a-face (Evans e Mathur, 2005).

Assim, observando-se esses cuidados metodológicos foram realizadas as duas rodadas de pesquisa *online* cujo questionário, divulgação e sistematização dos dados foram coordenados por este autor.

Segue uma análise descritiva dos dados que se divide em quatro partes: variáveis de contexto e validação da pesquisa; situação de trabalho no contexto da pandemia; situação de saúde dos trabalhadores(as) em educação; questões direcionadas para aposentados(as).

Variáveis de contexto e validação

O Sinte representa um universo de aproximadamente 72 mil trabalhadores(as) na educação, dos quais 44 mil estão em atividade, sendo 24 mil concursados e 20 mil admitidos em caráter temporário (ACT). Os outros 28 mil são aposentados. Deste universo, aproximadamente 71% são mulheres.

Considerando que uma amostra com 619 respostas seria o suficiente para se aferir validade científica⁷, considerando uma margem de erro de 4%, a quantidade de respostas de 1.361 respostas em 2020 e 1.576 respostas em 2021 representa um banco de dados consistente.

Do ponto de vista das principais variáveis de controle, na distribuição de gênero, foram 80% de mulheres que responderam em 2021 (78,5% no ano anterior), um valor aproximado no universo da categoria; em relação à idade praticamente manteve-se a mesma distribuição com pequena alteração nas faixas intermediárias e apenas na distribuição regional pode haver certa desproporcionalidade em relação ao universo da categoria.

Outras variáveis que demonstram proximidade com os dados do universo da categoria e semelhança entre as duas amostras destacam-se: a jornada de trabalho; o tempo de profissão; o nível de escolaridade; e o vínculo

⁷De acordo com Barbetta (2012) buscou-se calcular o tamanho da amostra (n0), aplicando a fórmula $n0=1/E02$, sendo E (4) = 625. Daí, $n = (N) \cdot (625)/ N + 625$, ou seja, a quantidade necessária para validação desta amostra é de 619 questionários.



trabalhista em que 80% dos que responderam se dedicam exclusivamente ao magistério estadual.

A ampla maioria dos docentes da rede estadual atua nos níveis de educação básica: ensino médio e fundamental, além da educação especial, profissionalizante e educação de jovens e adultos nas seguintes áreas de conhecimento: 29,6% nas linguagens; 24,3% nas humanas e religião; 22,6% em pedagogia; 17,2% nas ciências da natureza; 13% em matemática; e 9,7% no setor administrativo.

Tais dados dão consistência para as duas pesquisas e permitem aferir credibilidade aos resultados e a possibilidade de explorar outras análises científicas a partir desse corolário.

Situação de saúde dos docentes

Apresentada a metodologia e as variáveis de controle, passa-se a analisar os resultados do questionário em relação às condições de saúde dos docentes da rede pública estadual de Santa Catarina durante a pandemia, que segue outros estudos que analisam os “Impacto dos fatores relacionados à pandemia de Covid 19 na qualidade de vida dos professores atuantes em SC” (Melo, Dias e Volpato, 2020).

Por se tratar de um questionário denso, buscar-se-á neste artigo focar em quatro aspectos analíticos: a situação dos docentes em relação com a Covid; aspectos relacionados com a saúde física; aspectos relacionados com a saúde mental dos docentes; e, por fim, uma relação desses fatores com as condições de trabalho.

As primeiras observações que causam impacto estão relacionadas com os índices de contaminação dos docentes com o coronavírus, a percepção da contaminação e a emocionalidade gerada pela pandemia. Para a pergunta: “Você já se infectou com o vírus da Covid-19?” foram 27,9% os que responderam que sim e os outros 72,1% não, ou seja, quase um terço dos docentes foram contaminados, o que representa quase o triplo da média nacional, que no mesmo período, em outubro de 2021, era de 10,2% e quase o dobro da média estadual que é de 16,5% nesse mesmo período. Na sequência, 57,8% afirmaram ter perdido algum parente ou pessoa próxima para o coronavírus, portanto, a percepção da morte demonstrou-se muito presente entre os docentes, considerando que o percentual de mortos pela Covid-19 no Estado de Santa Catarina alcançava o percentual de 0,27% da população no momento da



pesquisa. Apreende-se que esses dados explicam o principal motivo gerador de sofrimento no trabalho nesse período de pandemia, considerado o “medo da contaminação pela Covid dentro da escola” indicado por 52,1% dos que responderam essa pesquisa.

Outra percepção em decorrência da pandemia foi a dificuldade de manter hábitos saudáveis, como por exemplo, a prática regular de exercícios físicos que 53,5% responderam não ter conseguido manter, apenas 17,6% afirmaram ter mantido regularidade e 18,9% parcialmente, contudo, aumentaram as consultas médicas durante a pandemia, ou seja, 74,3% responderam fazer consultas médicas periódicas, no entanto, o percentual dos que se consultaram apenas no período de pandemia aumentou para 89,7%. Assim, depreende-se que a pandemia dificultou hábitos saudáveis de autocuidado e aumentou a procura por tratamentos.

Se por um lado os dados permitem estabelecer algumas hipóteses dos impactos da pandemia no agravamento negativo das condições de saúde dos docentes, por outro lado, há que se considerar fatores estruturais das condições de doença dos educadores no exercício de sua profissão.

Baseado nas referências de morbidades ocupacionais do Ministério do Trabalho (MT) apresentou-se nas duas pesquisas (2020 e 2021) um conjunto de tipificações de doenças para identificar as condições de saúde dos docentes. A modalidade de resposta foi “caixa de seleção” que permite a escolha de mais de uma opção, portanto, mantendo-se em primeiro lugar as questões relativas à saúde mental, que em números absolutos obteve 934 indicações em 2021 e 803 em 2020, seguida das dores osteomusculares com 751 indicações em 2021 e 734 em 2020; depois doenças do sistema digestivo com 474 em 2021 e 462 em 2020; o sistema circulatório teve 354 indicações em 2021 e 335 em 2020; e, por último, doenças no sistema fonoaudiológico com 335 indicações em 2021 e 323 em 2020.

Portanto, ainda que se considere os altos índices de morbidades relacionadas com diferentes grupos de doenças físicas, os problemas com a saúde mental passaram a ocupar o centro da preocupação com a qualidade de vida dos docentes, situação essa que se agravou durante a pandemia e requer preocupação com as perspectivas futuras.

Ainda que não se possa distinguir adequadamente as relações de reatualização entre doenças físicas e emocionais, constatou-se, por um lado, um alto e crescente índice de afastamento do trabalho por parte dos docentes por problemas de saúde, pois 46,4% afirmam ter tido algum problema de saúde

de que o afastou do trabalho somente no ano de 2021, ou seja, quase a metade dos docentes, sendo que na pesquisa anterior (2020) 61,7% haviam afirmado ter se afastado ao longo da carreira. Portanto, percebe-se que há uma frequência de incidência de problemas de saúde docente, inclusive pelo número de vezes que se repetiu. Entre aqueles que se afastaram apenas no ano de 2021, 17,6% se afastaram pelo menos quatro vezes; 14,6% três vezes; 26,9% duas vezes e 40,3% pelo menos uma vez. Por outro lado, há que se considerar que mesmo assim, quase que a totalidade dos docentes já foram trabalhar doentes ou com muita dor, pois 68,5% responderam sim para essa opção apenas no ano de 2021 e 91,9% afirmaram sim para essa mesma situação ao longo da sua carreira, na pesquisa realizada em 2020. Enfim, 34,2% dos docentes afirmaram serem portadores de doenças crônicas, ou seja, mais de um terço da categoria, além do percentual de uso de medicamentos contínuos ou controlados, que obteve 54,6% de respostas positivas em 2021, mantendo a tendência do ano anterior que foi de 50,3%.

Se a experiência com alguma doença abrange a ampla maioria dos docentes, buscou-se compreender as razões para trabalhar doentes e encontrou-se diferentes hipóteses em diferentes direções: 24,1% “para não atrasar o conteúdo”; 24% por “não ter consultado ou não ter atestado médico”; e 20,8% “para evitar o uso de atestado”; 11,1% para “não sofrer constrangimento” e 8,9% por “receio de ter cortes ou diminuição de salário”.

Direcionando a análise com foco nas doenças emocionais ou psíquicas, indicadas como o principal conjunto de morbidades dos docentes catarinenses, numa primeira autoavaliação sobre a sua saúde mental e emocional apenas 25,6% afirmaram ser “boa”; para 18% é “ruim”; e 56,4% consideram sua saúde mental e emocional “mais ou menos”, mesmo assim, menos da metade dos docentes (44,8%) afirmam buscar acompanhamento médico psicológico. Considerando a hipótese do trabalho como fator de doença ou mal estar emocional e psicológico, numa escala de 1 a 10, 18,3% se posicionaram no ponto 7; outros 48,3% acima de 7 e apenas 33,4% corresponde a soma dos que se posicionaram do ponto de 1 até 6 nesta mesma escala. Portanto, há indícios de que o trabalho é um importante fator causador de doenças ou sofrimento psíquico, como pretende-se demonstrar posteriormente.

Considerando novamente a modalidade de resposta tipo “caixa de seleção” que permite a escolha de mais de uma das dez opções de respostas oferecidas, a emocionalidade mais ressaltada dentre as opções oferecidas na pesquisa realizada em 2020 foi a “pressão psicológica por produtividade” (887



respostas), praticamente igual à “ansiedade e insegurança” com 886 respostas e 740 queixaram-se de “esgotamento mental”. Já em 2021, a “ansiedade e insegurança” vieram em primeiro lugar com 822, seguida do “esgotamento mental” (677 respostas) e somente em terceiro a “pressão psicológica por produtividade” com 533 respostas. Ou seja, há indícios de que a “pressão psicológica por produtividade” foi muito forte no período inicial da pandemia e os demais fatores mantiveram-se estáveis e em alta, ao mesmo tempo que, em outras duas perguntas, 36,4% afirmaram passar por situações de assédio no trabalho e 25,6% responderam que já tiveram alguma ideia suicida.

No segundo bloco de frequência das respostas para os tipos de emocionalidade também se destacam outras opções negativas como “o medo de errar” (376 respostas); a “sensação de culpa” para 176; e a “solidão” para outros 144. Somente depois disso é que aparecem algumas das opções de emoções positivas como “satisfação e alegria” (176 respostas); “confiança” para 151; e “prestígio ou competência” com 70 respostas, mantendo basicamente o mesmo padrão do ano anterior.

Ainda que preliminarmente, pode-se organizar uma hipótese comprobatória da teoria sobre a gestão do sofrimento psíquico no campo da educação, pois há que se considerar ainda outros fatores igualmente identificados na pesquisa, como por exemplo, o aumento da jornada de trabalho em horas excedentes sobrecarregando ainda mais um padrão já elevado de horas contratadas, e a necessidade de combinar trabalho remoto, presencial e híbrido durante a pandemia, somados à pressão psicológica por resultados, o medo de errar e a solidão do isolamento social, configurando um conjunto de fatores que eventualmente desencadeiam ansiedade, insegurança, sensação de culpa, esgotamento mental e Síndrome de Burnout. Todos estes fatores estão encadeados e é difícil separar onde começa um e termina outros, pelo contrário, retroalimentam-se e influenciam-se mutuamente. Portanto, há que se ampliar esse tipo de análise e buscar mecanismos de gestão das emoções que promovam reações positivas para estancar o sofrimento dos trabalhadores(as) na educação.

Esta pesquisa traz um conjunto de indicadores que se complementam no sentido de alertar para um ambiente doentio e de sofrimentos relacionados ao trabalho docente, desde o alto índice de contaminação dos professores(as) pelo coronavírus, a forte percepção da morte de pessoas próximas, o afastamento por problemas de saúde e os que foram trabalhar doentes ou com dor, mesmo tendo atestados, para não atrasar conteúdo, indicando uma tendência à individualização das responsabilidades e à autopunição, por medo de cons-



trangimento ou da perda do emprego, especialmente entre os ACTs que configuram uma relação de precariedade nas relações de trabalho existente há mais de três décadas por parte do governo do Estado de Santa Catarina.

A pesquisa confirma também a prevalência das doenças psíquicas combinada com a diminuição dos hábitos saudáveis de exercícios físicos e o aumento de horas de trabalho, aprofundando o círculo vicioso doentio do cansaço.

Referências

ALBERTON, Luzia; KOVALESKI, Douglas; MENEGON, Fabrício; PALUDO, José Roberto. **Pesquisa Saúde Docente: a saúde profissional da educação em tempos de pandemia e trabalho remoto**. SINTE, 2020. Disponível em: <http://sinte-sc.org.br/files/1081/caderno%20pesquisa%20saude.pdf>. Acessado em 07 set. 2021.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 8ª edição. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENNIS, W. e NANUS, B. **Leaders: The strategies for taking charge**. New York: Harper & Row, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1982.

DEFOE, Daniel. *Diario del año de la peste*.

EVANS, J. R. & MATHUR, A. *The value of online surveys*. **Internet Research**, vol. 15, n. 22, 2005, p. 195-219.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2017. **Manifesto: ocupar escolas, proteger pessoas, valorizar a educação**. São Paulo: Frente pela vida, 2020.

MELO, Maria Taís, DIAS, Simone Regina e VOLPATO, Arceloni Neusa. **Impacto dos fatores relacionados à pandemia de Covid 19 na qualidade de vida dos professores atuantes em SC**. Florianópolis, SC: Contexto Digital, 2020.





MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; DUKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SÓFOCLES. **Antígona**. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

VEHOVAR, V. MANFREDA, K. L. KOREN, K. *Internet Surveys*. In. **The Sage Handbook of Public Opinion Research** (2nd ed.). London: Sage, 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI**. Porto: Ed. Afrontamentos, 1974.



BIOMASSA DE BANANA VERDE COMO INGREDIENTE SAUDÁVEL: UMA REVISÃO

Eliane Conrado¹
Profª. Drª. Nadia Webber Dimer²
Profª. Dra. Julia Borin Fioravante³
Profª. Drª. Angélica Markus Nicoletti⁴

RESUMO

A banana é uma de equilibrado valor nutricional, fácil acesso, preço acessível e consumida por todas as classes sociais no mundo. Pode ser consumida madura, in natura e crua ou verde através da cocção e processamento. A polpa da fruta cozida é transformada em uma pasta que age como um excelente ingrediente com propriedades espessante, umectante e que não altera o sabor dos alimentos, agregando valor nutricional em diversas preparações. A biomassa de banana verde é rica em amido resistente, possui atividade prebiótica pela composição de fibras solúveis e insolúveis que resistem ao processo de digestão e são fermentados por bactérias anaeróbias no cólon, que agem na prevenção de diversas patologias, como, doenças intestinais, câncer de cólon, melhora no perfil lipídico, perda de peso, manutenção dos níveis de glicose, redução de marcadores inflamatórios, dentre outros. A ingestão de biomassa de banana verde aumenta o consumo de vitaminas, minerais e fibras na dieta sendo excelente fonte de energia, contribuindo para a saúde e qualidade de vida. A banana verde tem despertado o interesse do mercado consumidor. A biomassa e seus subprodutos possuem grande potencial para serem utilizados em formulações na panificação, confeitaria, alimentos infantis e para fins especiais, como alimentação isenta de glúten e lactose, pois não promove alteração de sabor, aumentando o teor de fibras, minerais e o rendimento das preparações, contribuindo na melhora da densidade nutricional de produtos amplamente consumidos pela população. A biomassa de banana verde é uma

¹Acadêmica do Curso de Nutrição do Centro Universitário UNIFACVEST.

²Graduada em Nutrição pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, Mestrado/ Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade do Extremo Sul (UNESC).

³Graduada em Nutrição pela Universidade Franciscana (UFN), licenciada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestrado/ Doutorado em ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

⁴Graduada em Nutrição pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul UNIJUÍ, Especialista em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela UFSM, Especialista em Nutrição Clínica pela UNIJUÍ, Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela UFPEL.

